

## AS BEM-AVENTURANÇAS

O Sermão do Monte (caps. 5–7), ou Sermão da Montanha, serve como primeira seção de ensino que Mateus incluiu em seu Evangelho. Com ele, o escritor retratou Jesus como o derradeiro Mestre de Israel, cujas palavras se cumpriram sob a autoridade divina e gerando consequências eternas (7:21–29). Este sermão está longe de ser apenas uma coletânea de princípios morais. Ele reflete a autoridade suprema que Jesus, o Messias, possui sobre todos que recebem a vida eterna<sup>1</sup>.

O sermão começa com bem-aventuranças em vez de imperativos. A seguir, ele se eleva ao padrão superior que excede a justiça dos escribas e fariseus, sem, contudo, jamais deixar o contexto da graça<sup>2</sup>. Ele é sublime e santo, mas também é prático e exequível. Os ensinamentos de Jesus imbuídos de autoridade – resumidos e distribuídos no sermão – antecipam a Grande Comissão. Na última incumbência que deu aos apóstolos, Jesus comissionou-os a fazer discípulos de todas as nações e a ensiná-los a obedecer a tudo o que Ele lhes ordenara (28:18–20).

É tarefa difícil formular um esboço exato do Sermão do Monte. Todavia, parece claro que o corpo principal do sermão está emoldurado por referências à “Lei” e aos “Profetas” (5:17; 7:12). O esboço que apresentamos abaixo fornece um retrato geral do que Jesus abordou em Seu discurso<sup>3</sup>.

### I. INTRODUÇÃO (5:3–16)

A. As Bem-Aventuranças (5:3–12)

B. Sal e Luz (5:13–16)

### II. CORPO PRINCIPAL (5:17–7:12)

A. A Velha e a Nova Justiça (5:17–48)

B. A Justiça Exterior *Versus* a Interior (6:1–18)

C. Dependência de Deus (6:19–34)

D. Vários Ensinamentos e a Regra de Ouro (7:1–12)

### III. CONCLUSÃO (7:13–27)

A. Os Dois Caminhos (7:13, 14)

B. O Falso e o Autêntico (7:15–23)

C. A Parábola dos Dois Construtores (7:24–27)

Pode-se fazer uma comparação entre o Sermão do Monte e o Sermão da Planície em Lucas (Lucas 6:17–49). Uma corrente de comentaristas defende que esses dois sermões são na verdade o mesmo sermão, e que

<sup>1</sup>R. T. France, *The Gospel According to Matthew*, The Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, pp. 106–7.

<sup>2</sup>Leon Morris, *The Gospel according to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, p. 95.

<sup>3</sup>Donald A. Hagner, *Matthew 1–13*, Word Biblical Commentary, vol. 33A. Dallas: Word Books, 1993, p. 84.

Lucas simplesmente sintetizou sua versão com base no sermão mais completo proferido na montanha. As semelhanças no conteúdo, na linguagem e na ordem suscitaram essa opinião. Outro ponto de vista é que se tratam de dois sermões distintos proferidos em ocasiões separadas. Existem várias diferenças entre eles. Por exemplo, a descrição da paisagem em que os sermões foram proferidos parece diferente: “o monte” (5:1) *versus* “uma planura” (Lucas 6:17). Além disso, o sermão em Lucas possui menos bem-aventuranças (e algumas foram redigidas diferentemente) e acrescenta aís (Lucas 6:20–26) que o sermão em Mateus não menciona.

Depois de comparar os dois sermões, Jack P. Lewis fez as seguintes observações:

1. Ambos os sermões começam com bem-aventuranças (5:3–12; Lucas 6:20–22) e terminam com a parábola dos construtores (7:24–27; Lucas 6:47–49).
2. O sermão em Mateus é muito mais extenso (107 versículos) do que o de Lucas (30 versículos).
3. A maior parte do sermão em Lucas encontra-se no sermão em Mateus.
4. Muito do conteúdo do sermão em Mateus está espalhado em outras partes de Lucas (caps. 11, 12, 13, 14, 16).
5. O sermão em Mateus parece anterior à escolha dos doze apóstolos (10:1–4), enquanto que o sermão em Lucas parece posterior a esse evento (Lucas 6:12–16).<sup>4</sup>

É bem possível que os sermões registrados por Mateus e Lucas tenham sido proferidos em ocasiões diferentes. Afinal, Jesus ensinou muitos grupos e plateias diferentes e, sem dúvida, costumava repetir seus discursos. Também é possível que Mateus e Lucas estivessem relatando o mesmo sermão – Mateus enfatizando o cenário do monte e Lucas reforçando uma planura no monte. Independentemente do que aconteceu, parece que cada escritor foi seletivo no que incluiu em seu relato do Evangelho. Mateus escolheu ensinamentos especificamente relacionados à Lei e ao público judeu, e alguns desses ensinamentos não se encontram em Lucas. Lucas, por sua vez, escolheu lições especialmente

<sup>4</sup>Jack P. Lewis, *The Gospel According to Matthew*, Part 1, *The Living Word Commentary*. Austin, Tex.: Sweet Publishing Co., 1976, p. 78.

aplicáveis aos leitores gentios<sup>5</sup>.

No Sermão do Monte, Jesus começou – como um tipo de prefácio ao discurso – ensinando sobre a verdadeira justiça e a verdadeira felicidade. A abordagem de Jesus sobre a vida aprovada por Deus é diametralmente contrária à visão cultural de hoje. Esses ensinamentos básicos sobre a verdadeira justiça ou integridade estão incorporados nas declarações de Jesus geralmente conhecidas como as “Bem-aventuranças”. A palavra deriva do vocábulo grego μακάριος (*makarios*), que significa “feliz”, “próspero”, “abençoado”.

Jesus usou o termo *makarios* nove vezes nestes doze versículos para descrever o homem justo de quem Deus Se agrada. No texto original, a palavra “bem-aventurado” está sempre no plural, talvez sugerindo a plenitude da felicidade que o homem justo alcançará. Em cada caso a palavra é usada antes de uma característica da pessoa que a exhibe e juntamente com uma promessa suprema.

A verdadeira felicidade, descrita nessas bem-aventuranças, é subproduto de uma vida justa, íntegra. Essa felicidade espiritual preenche a vida do indivíduo com contentamento até mesmo em tempos de grande desânimo (Filipenses 4:11, 12; 1 Timóteo 6:6–11).<sup>6</sup>

## INTRODUÇÃO (5:1, 2)

**<sup>1</sup>Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; <sup>2</sup>e ele passou a ensiná-los, dizendo.**

**Versículos 1 e 2. Jesus... subiu ao monte.** A palavra grega para “monte” (ὄρος, *oros*) é melhor entendida como uma elevação de terra relativamente alta (veja 14:23; 15:29). Outros acontecimentos importantes em Mateus estão associados a lugares elevados, incluindo a terceira tentação (4:8), a transfiguração (17:1) e a Grande Comissão (28:16).

Estaria o texto fazendo um sutil paralelo entre Moisés, que recebeu a Lei no monte Sinai para estabelecer a velha aliança (Êxodo 19–24), e Jesus, que revelou uma nova lei no monte em preparação para a nova aliança? Embora essa ideia não esteja

<sup>5</sup>Mateus 5:14, 17, 19–24, 27–31, 33–38, 41, 43, 45, 47; 6:1–8, 14–18; 7:6, 12b, 15, 22, 23.

<sup>6</sup>R. T. France observou que as bem-aventuranças contrastam a atitude de um “verdadeiro discípulo” com a de “um homem do mundo” (France, p. 109).

explícita, ela corresponde ao fato de que Jesus é o “Profeta” anunciado por Moisés e a palavra profetizada sob Sua autoridade deve ser obedecida (Deuteronômio 18:15, 18; Atos 3:22, 23; 7:37; veja João 6:14; 7:40).

Os estudiosos propõem diferentes localidades para o sermão de Jesus. Uma delas seria “Karne Hittim”, ou seja, “os Chifres de Hattin”, por causa de seus picos duplos. Este local é na verdade um vulcão extinto localizado perto da cidade de Tibériades. Frank L. Cox descreveu tal paisagem desta maneira:

Elevando-se a cerca de trezentos metros acima do nível do mar, ele “se destaca das proeminências circunvizinhas por dois montículos, ou chifres, que se elevam a uns dezoito metros e coroam o cume. Entre esses chifres há um gramado amplamente extenso, um anfiteatro natural, em que uma grande multidão poderia facilmente se reunir para ouvir a voz de uma só pessoa”.<sup>7</sup>

Uma localização mais provável é um monte ao Norte do mar da Galileia, entre Cafarnaum e Tabga. É conhecido hoje como o Monte das Bem-Aventuranças. Hoje existe na lateral dessa montanha uma capela, em comemoração a esse sermão proferido por Jesus.

Apesar de ser desconhecido o lugar exato em que o sermão foi dito, com certeza foi perto do mar da Galileia. Conquanto jamais venhamos a saber onde ele foi pregado, Mateus assegurou-nos que sempre teríamos acesso ao que Jesus disse na ocasião.

Jesus **Se assent[ou]** na encosta. Esse era o modo tradicional de os rabinos judeus ensinarem (13:2; 23:2; 24:3; 26:55). A seguir, **aproximaram-se os seus discípulos**. A relação exata entre os “discípulos” de Jesus e **as multidões** não é óbvia. A presença das multidões neste cenário só é esclarecida pela reação que tiveram *após* Jesus terminar de falar (7:28, 29).

O sermão registrado por Lucas vem após a escolha dos doze apóstolos no monte (Lucas 6:12–16). Eles desceram a montanha com Jesus até uma “planura”, “onde se encontravam muitos discípulos seus”<sup>8</sup>, bem como “grande multidão do povo, de toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e

<sup>7</sup>Frank L. Cox, *Sermon Notes on The Sermon on the Mount*. Nashville: Gospel Advocate Co., 1955, p. 7.

<sup>8</sup>Muitos seguidores de Jesus foram rotulados de “discípulos”, porém tinham diferentes níveis de comprometimento e diferentes razões para O seguirem. Os que eram superficiais logo O abandonaram (João 6:66–68).

de Sidom” (Lucas 6:17).

Quando todos estavam reunidos, Jesus **passou a ensiná-los, dizendo**. A linguagem usada por Mateus sugere um discurso solene e nobre (veja Atos 8:35; 10:34). Douglas R. A. Hare comentou: “Ele se senta como um rei no trono, seus discípulos se aproximam dele como súditos numa corte real, e o rei profere seu discurso inaugural, em que discorre com considerável detalhamento acerca de como será a vida no seu reinado”<sup>9</sup>.

As palavras ditas por Jesus nessa ocasião geralmente são chamadas de “Carta Magna” da nova aliança<sup>10</sup>. Todos esses princípios são ensinados no restante do Novo Testamento e são para os cristãos de todas as gerações viverem. As palavras de Jesus contêm instrução que, uma vez seguida, conduz à verdadeira felicidade acessível já nesta vida.

### OS HUMILDES DE ESPÍRITO (5:3)

**<sup>3</sup>Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.**

**Versículo 3.** A palavra grega para **humildes** (*πτωχός, ptōchos*) é usada para quem se encontra destituído e dependente de outros. Em todo o Livro de Salmos, os ricos iníquos são retratados como opressores dos pobres justos; todavia, os aflitos são libertos por Deus de suas dificuldades<sup>11</sup>. Temas semelhantes ocorrem no Cântico de Maria, que diz que Deus tem misericórdia dos humildes e pobres, mas despede os ricos de mãos vazias (Lucas 1:46–55). Em cumprimento à profecia, Jesus disse que Ele veio “pregar o evangelho aos pobres” e “libertar os oprimidos” (Lucas 4:18; veja Isaías 61:1). Nos dias do Novo Testamento, os pobres eram impelidos a confiar em Deus, e os pobres justos eram ensinados pelos profetas e por outros que eram objetos de uma preocupação especial de Deus<sup>12</sup>. Tendo este pano de fundo em mente, não deve nos surpreender que o sermão em Lucas deixe o termo “pobres” desacompanhado de qualquer especificação (Lucas 6:20).

<sup>9</sup>Douglas R. A. Hare, *Matthew*, Interpretation. Louisville: John Knox Press, 1993, p. 35.

<sup>10</sup>William Barclay, *The Gospel of Matthew*, vol. 1, 2a. ed., The Daily Study Bible. Filadélfia: Westminster Press, 1958, p. 79.

<sup>11</sup>Salmos 14:4–6; 22:26; 34:6; 35:10; 37:14, 15; 40:17; 82:2, 3; 86:1, 2; 112:9; 113:7; 140:12, 13.

<sup>12</sup>Hagner, p. 91.

Diferentemente de Lucas, Mateus acrescentou ao termo “humildes” a expressão **de espírito**. Ser espiritualmente humilde significa reconhecer a insuficiência dos próprios recursos para preencher as necessidades espirituais. O salmista escreveu que “sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito...” (Salmos 51:17). Jesus contou uma parábola que contrastava um presunçoso fariseu com um humilde publicano [isto é, cobrador de impostos]. Enquanto o fariseu se vangloriava na oração, o publicano clamava: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lucas 18:9–14). Em Apocalipse 3:17, Jesus repreendeu os cristãos de Laodiceia por terem uma atitude de altivez e autossuficiência. Ele disse: “Pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu”.

Ser “humilde de espírito” é o contrário de ser cheio de orgulho e presunção. É ser pobre, carente, necessitado de espírito. Esta qualidade vem em primeiro lugar na lista de bem-aventuranças do Senhor porque sem ela não se pode aceitar as atitudes expressas no restante da lista.

Jesus disse que os “humildes de espírito” possuirão **o reino dos céus** (veja os comentários sobre 3:2). Aqueles que vão até Deus com corações espiritualmente quebrantados serão restabelecidos. O Senhor falou o seguinte por meio do profeta Isaías: “Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos” (Isaías 57:15). Deus exalta aqueles que entregam o controle de suas vidas a Ele. Tiago escreveu: “Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará” (Tiago 4:10; veja Provérbios 29:23).

#### OS QUE CHORAM (5:4)

**<sup>4</sup>Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.**

**Versículo 4.** O verbo **chorar** (*πενθέω*, *pentheō*) talvez seja a palavra grega mais forte e severa que expressa tristeza ou sofrimento. É geralmente usada para descrever a tristeza experimentada por uma pessoa que perdeu um ser amado (Gênesis 23:2; 37:34, 35; 50:3 [LXX]; Marcos 16:10). Trata-se do tipo de tristeza que aflige uma pessoa e não a deixa em paz. É uma tristeza muitas vezes demonstrada por lamento e pranto. De fato, as palavras

“chorar” e “lamentar” aparecem muitas vezes juntas na Bíblia. A bem-aventurança correspondente em Lucas também pronuncia uma bênção aos que “choram” (Lucas 6:21).

Entretanto, é improvável que Jesus estivesse falando da tristeza pela perda de um ser amado. Tudo indica que o pano de fundo para essa bem-aventurança seja Isaías 61:2, uma predição de que o Messias “consolaria todos os que choram”. No antigo Israel muitos dos que choraram se preocupavam com os pecados do povo e o subsequente julgamento de Deus. Ficavam perturbados diante da ideia de nações gentias perversas triunfarem sobre o povo escolhido do Senhor. Um desses exemplos é Jeremias, que chorou por Jerusalém (Jeremias 9:1, 18; 13:17; 14:17). Em Lamentações, ele chorou por causa de Jerusalém, a cidade escolhida por Deus, que foi destruída como castigo pelo pecado de seus habitantes.

A justiça muitas vezes traz choro. “O justo Ló” era “afligido... cada dia, por causa das obras iníquas” dos sodomitas. As circunstâncias imorais em que ele viveu atormentaram a sua alma (2 Pedro 2:6–8). Jesus, “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Isaías 53:3), chorou pela rebelde cidade de Jerusalém quando a avistou (Lucas 19:41–44). Paulo também chorou por seus compatriotas judeus que não aceitaram Jesus como o Messias (Romanos 9:1–3).

Pranteadores justos também se entristecem por seus próprios pecados (Salmos 51:1–4, 7–12). Somente quando o indivíduo percebe que os próprios pecados partem o coração de Deus, ele é um candidato apto para a conversão. Paulo disse que “a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação” (2 Coríntios 7:10).

A verdade é esta: aqueles que choram por seus próprios pecados e pelos pecados dos outros **serão consolados**. Pranteadores justos encontram o consolo de Deus durante esta vida sabendo que seus pecados pessoais são perdoados e que Jesus Cristo está com eles (11:28–30; 28:18–20; Atos 2:38; 1 João 1:7, 9). O consolo final será experimentado na vida por vir (Lucas 16:25), quando o “Deus de toda consolação” (2 Coríntios 1:3) “lhes enxugará dos olhos toda lágrima” (Apocalipse 7:17; 21:4).

#### OS MANSOS (5:5)

**<sup>5</sup>Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.**

**Versículo 5.** A palavra para manso (πραῦς, *praus*) significa basicamente “brando” ou “meigo”. Todavia, “brandura” não é o mesmo que “fraqueza”. “Existe mansidão em *praus*, mas por trás da mansidão há uma força de aço... É uma força sob controle.”<sup>13</sup>

Embora a palavra “manso” às vezes descreva um indivíduo pouco admirável, fraco e sem força moral, não era esse o significado da palavra no grego clássico. *Praus* representava um dos maiores valores éticos da cultura grega. William Barclay descreveu o dilema que o tradutor enfrenta com essa palavra. Ele disse: “Nenhuma palavra da língua inglesa traduzirá esse vocábulo, embora talvez a palavra *suave* chegue perto”. Ele ofereceu esta paráfrase expandida da passagem:

Que alegria um homem que sempre se ira na hora certa e nunca na hora errada, que tem cada instinto, cada impulso e cada paixão sob controle porque ele próprio é controlado por Deus, tendo a humildade de perceber sua própria ignorância e sua própria fraqueza, pois esse homem é um rei entre seus semelhantes!<sup>14</sup>

A pessoa mansa, então, é aquela que se ira com as coisas certas e na hora certa. É o tipo de pessoa que se preocupa mais com injustiças sociais do que com insultos pessoais. Em vez de ver esses indivíduos como fracos e inseguros, precisamos sim concordar com Barclay, quando diz: “É um fato histórico que sempre houve homens com esse dom do autocontrole; homens cujas paixões e instintos e impulsos estão sob disciplina é que são grandes”<sup>15</sup>.

A palavra *praus* é usada para descrever tanto Moisés quanto Jesus. Números 12:3 diz que Moisés “era mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra”. Ao descrever a Si mesmo, Jesus disse que Ele era “manso [*praus*] e humilde de coração” (11:29; veja 21:5). Nenhum dos dois era fraco. Eram homens de grande força e habilidade, mas cumpriram os papéis que Deus lhes deu com atitudes de servo e com sabedoria. “Jesus desempenhou Seu ministério messiânico, não como um zelote que busca estabelecer à força um reino político, mas como quem viveu uma vida de serviço humilde e sacrificial a Deus e aos Seus

semelhantes.”<sup>16</sup>

O que Jesus quis dizer quando falou que os mansos **herdarão a terra**? Antes de tentar responder essa pergunta, dois fatos importantes precisam ser observados. O primeiro é que o termo “terra” (γη, *gē*) se refere tanto ao planeta Terra quanto ao solo de uma região. O segundo fato é que a bem-aventurança é na verdade uma citação de Salmos 37:11 (36:11; LXX): “Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz”. O Salmo 37 estabelece um contraste entre os ímpios e os justos. Ele responde a pergunta “Quem desfrutará a bênção da Terra Prometida (Canaã)?” Os ímpios que maquinam esquemas malignos seriam excluídos da terra, enquanto os justos e seus descendentes que confiaram no Senhor permaneceriam na terra (veja Isaías 61:7).

Esta promessa não apoia a doutrina do pré-milenarismo, segundo a qual Jesus estabelecerá o Seu reino na terra quando Ele voltar. O reino de Jesus já veio enquanto viviam alguns dos que O ouviram falar (veja Marcos 9:1; João 18:36; Atos 1:6–8). Esta bem-aventurança deve ser vista somente como escatológica no sentido de se referir em partes ao “novo céu” e à “nova terra” que os cristãos vão herdar no fim dos tempos (2 Pedro 3:13; Apocalipse 21:1). Também deve se referir à verdade de que, nesta terra presente, aqueles que pertencem a Cristo possuem maior capacidade de desfrutar das bênçãos por Ele providas (veja 1 Coríntios 3:21–23). Usando as palavras de Robert H. Mounce, “os violentos são incapazes de desfrutar seus ganhos obtidos desonestamente. Só os mansos possuem a capacidade de desfrutar em vida de todas as coisas que proporcionam verdadeira e duradoura satisfação”<sup>17</sup>. James McGill escreveu:

Independentemente de quem detém os títulos civis de posse de terra, este mundo pertence ao nosso Pai e os mansos são Seus filhos e herdeiros...

Os mansos desfrutam desta terra, desta vida, com cem vezes mais bênçãos – a verdadeira vida abundante – e no mundo vindouro, vida eterna! (Marcos 10:30).<sup>18</sup>

<sup>13</sup>William Barclay, *Palavras Chaves do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1985, p. 172.

<sup>14</sup>Barclay, *Matthew*, p. 93.

<sup>15</sup>Ibid.

<sup>16</sup>Robert H. Mounce, *Matthew*, New International Biblical Commentary. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1991, p. 39.

<sup>17</sup>Ibid.

<sup>18</sup>James McGill, “Blessed Are the Meek”, *Spiritual Sword Lectures*, 1982, p. 32.

## OS QUE TÊM FOME E SEDE DE JUSTIÇA (5:6)

**“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.**

**Versículo 6. Fome e sede** talvez sejam os desejos físicos mais fortes e frequentes que os seres humanos têm. Todavia, fome e sede intensas são sensações desconhecidas para as pessoas que vivem no mundo moderno e que têm acesso instantâneo a comida e bebida. Jesus sabia o que era ter fome, pois Ele jejuou quarenta dias e quarenta noites no deserto (veja os comentários sobre 4:2). É interessante que o sermão em Lucas simplesmente diga: “Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis fartos” (Lucas 6:21). Certamente existiram aqueles que, por causa de seu comprometimento com Deus, passaram por privações de necessidades básicas da vida (2 Coríntios 6:5; 11:27; Apocalipse 7:16).

Em Mateus, Jesus aplicou a ideia de estar faminto e sedento ao desejo espiritual usando a expressão qualificativa **de justiça**. Essa imagem tem seu pano de fundo nos Salmos:

Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus? (Salmos 42:1, 2).

Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água (Salmos 63:1).

Encontramos fome e sede espiritual também em Isaías:

Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite. Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares (Isaías 55:1, 2).

Jesus demonstrou essa fome espiritual em Sua própria vida terrena. Quando Satanás tentou-O a transformar pedras em pão, Ele respondeu di-

zendo: “Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mateus 4:4). No Poço de Jacó, quando os discípulos de Jesus voltavam da cidade de Sicar trazendo comida, ficaram surpresos porque Jesus recusou-Se a comer. Ele disse: “Uma comida tenho para comer, que vós não conheceis”; e: “A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra” (João 4:32, 34).

Esta bem-aventurança, pelo menos em partes, precisa ser interpretada considerando-se a definição de “justiça” (δικαιοσύνη, *dikaio sunē*) segundo Jesus. O termo usado por Jesus poderia ser entendido como “justiça legal”, “retidão moral” ou “reputação correta perante Deus”. Com respeito a justiça legal, Donald A. Hagner sugeriu que essa bem-aventurança oferecia encorajamento aos tiranizados e oprimidos, especialmente famintos e sedentos da justiça relacionada ao reino que Deus estava estabelecendo<sup>19</sup>. Leon Morris disse que justiça tem a ver com retidão moral. Ele escreveu: “Todos agora e naqueles dias fazem o que é certo, mas Jesus está direcionando seus ouvintes não para atos ocasionais, mas para uma preocupação ardente com o que é certo”<sup>20</sup>. Uma vez que todo o povo de Deus é imperfeito e pecador, precisamos depender da graça de Deus para ocupar uma posição de justo ou reto perante Ele.

A construção grega deste versículo pode sugerir que os discípulos de Jesus deveriam almejar a justiça em sua plenitude e totalidade. A justiça definida como um viver correto perante Deus não é um aditivo espiritual opcional, mas uma necessidade espiritual. Nenhum discípulo de Cristo está isento de buscá-la. Ele deve ansiar por cada parte dessa ampla justiça.<sup>21</sup>

A promessa aos que buscam ardentemente a Deus é que eles serão fartos. Deus prometeu saciar os desejos de seus corações. A linguagem aqui remete a Salmos 107:9: “Pois dessedentou a alma sequiosa e fartou de bens a alma faminta” (veja Jeremias 31:25; Lucas 1:53). Deus tem poder para satisfazer as aspirações mais profundas do Seu povo, tanto as físicas quanto as espirituais. Evidentemente, essa satisfação espiritual pode ocorrer na era presente. Jesus disse: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em

<sup>19</sup>Hagner, p. 93.

<sup>20</sup>Morris, p. 99.

<sup>21</sup>John MacArthur, Jr., *The MacArthur New Testament Commentary: Matthew 1—7*. Chicago: Moody Press, 1985, p. 178.

mim jamais terá sede” (João 6:35). E esse preenchimento espiritual também ocorrerá na era por vir, sendo retratado como um grandioso banquete ou festa de casamento (8:11, 12; 22:1–10; 25:10; Apocalipse 19:9). Na cidade celestial, a sede será saciada pela água da vida, que é dada de graça (Apocalipse 21:6; 22:17).

## OS MISERICORDIOSOS (5:7)

**<sup>7</sup>Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.**

**Versículo 7. Misericordiosos** vem do vocábulo grego ἐλεῆμων (*eleēmōn*), que também poderia ser traduzido por “compassivos”. O substantivo correspondente ἔλεος (*eleos*), traduzido por “misericórdia”, denota compaixão que é sentida e manifestada em atos dirigidos a outra pessoa. Aquele que tem misericórdia de alguém busca o melhor para essa pessoa sendo caridoso, bondoso para com essa pessoa. O sentido é diferente de apenas sentir dó ou pena de alguém; o termo implica ações positivas tomadas para ajudar o outro indivíduo. Só sentir pena por se colocar no lugar do outro é o que a psicologia chama de “empatia”; aqui a ação é mais extensiva.

O ensino de Jesus sobre misericórdia era contra a natureza do estilo de vida típico do mundo daquela época. Os romanos menosprezavam o sentimento de dó e tinham a reputação de considerá-lo uma doença da alma. A misericórdia para eles era sinal de fraqueza, e a desprezavam como se fosse a maior de todas as debilidades humanas. Glorificavam a virilidade, acreditando que gestos de misericórdia demonstravam falta dela<sup>22</sup>.

Os líderes religiosos judeus da época de Jesus eram na maioria desprovidos de misericórdia. Eram presunçosos, arrogantes, orgulhosos e precipitados no julgamento. Pensavam que tinham resposta para todas as questões teológicas, mas não tinham misericórdia dos que sofriam. Viam o sofrimento como um castigo de Deus pelo pecado (veja Lucas 13:1–5; João 9:1, 13, 34). Gamaliel, professor de Paulo, é citado no Talmude como tendo dito:

<sup>22</sup>Os estóicos na Roma antiga enfatizavam a “virilidade” ou “virtude”. Esse pensamento teve origem na Grécia e foi popularizado em Roma por dois filósofos gregos, Panécio (185–110 a.C.) e Posidônio (135–51 a.C.). Posteriormente, o escritor grego Diógenes alistou a “compaixão” ou “misericórdia” entre as doenças da alma. (Diógenes Laércio, *Vidas de Filósofos Eminentíssimos* 7.115.)

“Quem é misericordioso com os outros, misericórdia obterá no Céu, ao passo que quem não é misericordioso com o próximo, não obterá nenhuma misericórdia no Céu”<sup>23</sup>. Diferentemente de muitos de seus contemporâneos, ele tinha uma visão correta da misericórdia.

A misericórdia é um dos atributos de Deus (Êxodo 34:6; Lucas 6:36) e de Cristo (Hebreus 2:17). Jesus identificou a misericórdia como um dos “preceitos mais importantes da Lei” (23:23; veja 9:13; 12:7). Esta bem-aventurança reflete o que está escrito em Provérbios 14:21: “O que se compadece dos pobres é feliz” (LXX). O tema da misericórdia permeia Mateus, até mesmo quando os termos específicos para “misericórdia” não são usados. Robert H. Gundry compilou a seguinte lista:

José mostra misericórdia ao não querer envergonhar Maria (1:19); um marido deve mostrar misericórdia à esposa não se divorciando dela (5:31–32...); a parábola dos devedores descreve o perdão como um ato de misericórdia (18:23–35); pagar o salário de um dia inteiro a trabalhadores que só trabalharam uma hora também é um ato de misericórdia (20:1–16); a atenção de Jesus para com os “pequeninos” (cap. 18), as crianças, o cego e o aleijado no templo (21:14–16) e os publicanos e as prostitutas (21:28–32) demonstra misericórdia; e atos de misericórdia diferenciam as ovelhas dos cabritos no último julgamento (25:31–46).<sup>24</sup>

Jesus disse que quem é misericordioso **alcançará misericórdia**. Mais tarde, Ele ensinou: “Se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (6:15). Se não mostramos misericórdia aos outros, bloqueamos a porta para o nosso próprio perdão. Tiago escreveu: “Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tiago 2:13). A disposição divina para perdoar nossos pecados vem do Seu amor e da Sua misericórdia para conosco. A misericórdia de Deus é que deu origem à Sua graça; e ambas são expressões do Seu amor. Na Sua misericórdia, Deus não nos concede o castigo que merecemos; mas na Sua graça, Ele nos dá o perdão que não merecemos. “A misericórdia trata dos sintomas; a graça, da causa. A misericórdia oferece alívio do castigo; a graça oferece perdão pelo crime. A misericórdia elimina a dor; a graça

<sup>23</sup>Talmude, *Shabbath* 151b.

<sup>24</sup>Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1982, p. 71.

cura a doença.”<sup>25</sup> Haddon W. Robinson talvez estivesse certo quando escreveu que “graça é a reação de Deus à nossa pecaminosidade; misericórdia é a reação dEle ao nosso estado deplorável”<sup>26</sup>.

## OS LIMPOS DE CORAÇÃO (5:8)

**<sup>8</sup>Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.**

**Versículo 8.** A palavra grega para limpos, καθαρός (*katharos*), aparece vinte e sete vezes no Novo Testamento, sendo geralmente traduzida por “limpo” ou “puro”. O termo **coração** (καρδία, *kardia*) refere-se ao centro do eu interior, incluindo sentimentos, pensamento e vontade. Esta bem-aventurança fala da pureza interior dos seguidores de Cristo, em contraste com a purificação cerimonial exterior praticada pelos escribas e fariseus (veja 15:1–11; 23:25–28). Um coração puro é a fonte e a base de um viver correto. Sem ele, as ações corretas não passam de rituais sem significado (veja 12:34; 15:19). Michael J. Wilkins resumiu a essencialidade dessa pureza:

Os rabinos estavam desenvolvendo um sistema complexo de leis para manter a purificação cerimonial, sistema esse que mais tarde incluiu o *Tohoroth* (“Purificação”), uma das divisões do Mishná. Entretanto, todas essas leis poderiam ignorar a pureza mais importante, a do coração. Um coração puro ou limpo produz pureza exterior, e não vice-versa... Um coração puro descreve uma pessoa cuja lealdade sincera a Deus já afetou todas as áreas da vida.<sup>27</sup>

Essa bem-aventurança de Jesus ecoa o caminho para a adoração descrito em Salmos:

Quem subirá ao monte do Senhor?  
Quem há de permanecer no seu santo lugar?  
O que é limpo de mãos e puro de coração,  
que não entrega a sua alma à falsidade,  
nem jura dolosamente (Salmos 24:3, 4).

O salmista também orou dizendo:

Cria em mim, ó Deus, um coração puro  
e renova dentro de mim um espírito inabalável.

<sup>25</sup>MacArthur, p. 191.

<sup>26</sup>Haddon W. Robinson, *The Christian Salt & Light Company*. Grand Rapids, Mich.: Discovery House Publishers, 1988, p. 65.

<sup>27</sup>Michael J. Wilkins, “Matthew,” em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 35.

Não me repulses da tua presença,  
nem me retires o teu Santo Espírito  
(Salmos 51:10, 11).

Somente aqueles que são “puros de coração” **verão a Deus**. Neste contexto, o verbo “ver” (ὄρω, *horaō*) vai além de vermos com os olhos. Significa experimentar, desfrutar e conhecer a Deus. É verdade que ninguém jamais viu a Deus (Êxodo 33:20; João 1:18; 1 Timóteo 6:16). Num sentido, porém, os cristãos experimentam Deus no presente com os olhos da fé, mesmo sem vê-lo fisicamente (Salmos 63:2; Hebreus 11:27). Um dia, no entanto, a fé se transformará em realidade visível (veja 2 Coríntios 5:7) e os cristãos verão a Deus “face a face” (1 Coríntios 13:12; veja 1 João 3:2). Na cidade celestial, Deus habitará entre o Seu povo (Apocalipse 21:3) e “contemplarão a sua face” (Apocalipse 22:4).

## OS PACIFICADORES (5:9)

**<sup>9</sup>Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.**

**Versículo 9.** O termo grego por trás de pacificadores (εἰρηνοποιός, *eirēnopoios*) só aparece no Novo Testamento. Lewis disse que a palavra “descreve uma atitude que é contrária à do murmureiro, o intrumetido, o tumultuador, o mexeriqueiro e o causador de danos”<sup>28</sup>.

Variantes da palavra grega para “paz” (εἰρήνη, *eirēnē*) são usadas mais de noventa vezes no Novo Testamento e aparecem em quase todos os livros. A palavra hebraica para “paz” (שלום, *shalom*) significa mais do que ausência de conflitos; inclui desejar o bem aos outros. Hare situou a palavra eficazmente em seu contexto cultural:

É digno de nota que esta bem-aventurança foi primeiramente pronunciada durante a *Pax Romana* [Paz Romana]. Por meio da superioridade militar, os romanos puseram fim a pequenas guerras entre nações subjugadas rivais, livraram-se dos piratas do mar Mediterrâneo e diminuíram sensivelmente o banditismo no país. Havia uma ausência de guerra exceto nas fronteiras do império. Todavia, a paz no sentido hebraico, *shalom*, cooperação harmoniosa que visa ao bem-estar de todos, não poderia ser estabelecida por legiões romanas.<sup>29</sup>

Tendo o cenário histórico do primeiro século

<sup>28</sup>Lewis, p. 83.

<sup>29</sup>Hare, p. 42.

em mente, Hagner sugeriu que esta bem-aventurança foi direcionada contra os que eram zelotes. Esses revolucionários judeus queriam restabelecer o reino de Israel usando de violência, destruindo seus opressores romanos (veja João 6:15). Ele disse: “Os zelotes, através de seu militarismo, esperavam também demonstrar que eram os leais ‘filhos de Deus’”. Todavia, Jesus ensinou que o reino de Deus não seria introduzido dessa maneira. Pelo contrário, sua chegada viria por iniciativa divina, e seus cidadãos seriam promotores da paz<sup>30</sup>.

Os seguidores de Jesus devem fazer mais do que apenas pensar e conversar sobre paz. O Senhor não disse: “Bem-aventurados os que amam a paz” ou “Bem-aventurados os que esperam por paz”. Ele convidou Seus discípulos a levarem paz aonde ela não existe. Esta bem-aventurança não oferece uma promessa aos que simplesmente evitam conflitos. A verdadeira felicidade coroa aqueles que enfrentam suas diferenças e as vencem. Barclay observou este aspecto da pacificação:

O que esta bem-aventurança requer não é a aceitação passiva de coisas porque temos medo de problemas decorrentes de alguma ação, mas o enfrentamento ativo de coisas e a *promoção* da paz, mesmo quando o caminho da paz passa por lutas.<sup>31</sup>

Jesus disse que quem promove paz será chamado filho de Deus. Deus é o supremo Pacificador, tendo sacrificado Seu Filho unigênito a fim de atrair a humanidade de volta a um relacionamento com Ele (Romanos 5:1–11; Efésios 2:11–22). Ele é “o Deus de paz” (Filipenses 4:9; 1 Tessalonicenses 5:23). Os pacificadores “serão chamados filhos de Deus” porque partilham da natureza de Deus. Embora num sentido Deus chame crentes fiéis de Seus “filhos” no presente (Romanos 8:14; Gálatas 3:26, 27), Ele também reconhecerá os pacificadores como Seus filhos no julgamento final.

## OS PERSEGUIDOS (5:10–12)

**<sup>10</sup>Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.**

**<sup>11</sup>Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. <sup>12</sup>Regozijaivos e exultai, porque é grande o vosso galardão**

<sup>30</sup>Hagner, p. 94.

<sup>31</sup>Barclay, *Matthew*, p. 104.

**nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.**

Embora o vocábulo “bem-aventurados” apareça nove vezes em 5:3–12 e haja tecnicamente nove bem-aventuranças, a oitava (5:10) e a nona (5:11, 12) são geralmente unificadas porque ambas tratam de perseguição. As oito primeiras bem-aventuranças estão na terceira pessoa (“eles”), mas a nona muda para a segunda pessoa (“vós”). Talvez Jesus tenha dirigido oito bem-aventuranças ao povo em geral, direcionando a nona aos Seus discípulos em especial<sup>32</sup>. Jesus continuou na segunda pessoa quando discutiu o papel dos Seus discípulos como sal e luz (5:13–16).

**Versículo 10.** Nestes últimos versículos, “os paradoxos das bem-aventuranças atingem um clímax”<sup>33</sup>. Jesus disse: “**Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça**”. A palavra grega para “perseguir” (διώκω, *diōkō*) significa “caçar, afugentar ou perseguir”. O termo sugere abuso físico, assédio e outras formas de perseguição.

A promessa desta bem-aventurança, **o reino dos céus**, não é feita aos perseguidos em geral, mas somente aos perseguidos “por causa da justiça”. Pedro distinguiu claramente os perseguidos por fazer o mal dos perseguidos por causa de Cristo:

Se, pelo nome de Cristo, sois injuriados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória e de Deus. Não sofra, porém, nenhum de vós como assassino, ou ladrão, ou malfeitor, ou como quem se intromete em negócios de outrem; mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome (1 Pedro 4:14–16; veja 3:14).

**Versículo 11.** Jesus continuou a falar sobre o tema da perseguição: “**Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós**”. A perseguição também inclui injúrias e difamação. Lucas 6:22 contém mais detalhes: “Bem-aventurados sois quando os homens vos odiarem e quando vos expulsarem da sua companhia, vos injuriarem e rejeitarem o vosso nome como indigno...” A palavra grega usada aqui para “injuriar” (ὀνειδίζω, *oneidizō*) envolve um insulto sério; poderia também ser traduzida por “ultrajar” ou “reprovar”. Literalmente, significa “lançar in-

<sup>32</sup>Todas as quatro bem-aventuranças do Sermão da Planície encontram-se na segunda pessoa (Lucas 6:20–23).

<sup>33</sup>Hagner, p. 94.

sultos nos dentes de alguém”.

“Por minha causa” significa “por causa de Cristo”. Esta expressão é equivalente a “por amor à justiça” (5:10). Jesus prometeu que os discípulos seriam maltratados assim como Ele foi. Ele disse: “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor” (Mateus 10:24). E advertiu Seus discípulos de que eles seriam perseguidos de cidade em cidade, presos, levados a tribunais, açoitados e até executados (10:16–23).

**Versículo 12.** Diante de tal perseguição, Jesus disse aos Seus seguidores: **“Regozijai-vos e exultai”**. Lucas 6:23 diz: “Regozijai-vos naquele dia e exultai”. Embora regozijar-se e exultar parece radical e idealista para os discípulos de hoje, não era assim na igreja primitiva. Depois de serem açoitados, os apóstolos saíram do Sinédrio “regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome” (Atos 5:40, 41).

O regozijo diante da perseguição deveria ocorrer por causa da promessa de Jesus: **“porque é grande o vosso galardão nos céus”**. Os sofrimentos aqui embaixo são leves e momentâneos comparados às bênçãos lá no alto (2 Coríntios 4:17).

As Bem-aventuranças começam e terminam com referências ao “reino dos céus”. A primeira e a última contêm referências ao céu: “o reino dos céus” (5:3, 10) e “galardão nos céus” (5:12).

Quando os discípulos de Jesus suportam fielmente a perseguição por causa da justiça, eles tomam lugar junto aos profetas do Antigo Testamento: **“pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós”**. Os profetas serviram a Deus e O honraram sendo rejeitados e maltratados pelas pessoas a quem eles deveriam ensinar (23:31, 34, 37; Atos 7:52; Hebreus 11:32–38; Tiago 5:10, 11). Todo aquele que sofreu esse tipo de perseguição será recompensado por Deus.

## LIÇÕES

### SER O QUE JESUS ENSINOU (5:1–12)

As quatro primeiras bem-aventuranças citadas no relato de Mateus são sobre os princípios internos do coração e da mente. As quatro últimas são manifestações da maneira como devemos nos relacionar com o próximo. Por exemplo, quando somos “humildes de espírito” (5:3), reconhecemos a misericórdia de Deus para conosco. Isto, por sua vez, deve nos fazer ser mais misericordiosos com

outras pessoas (5:7). Reconhecer nossos próprios pecados e verdadeiramente lamentar por eles (5:4) deve nos despertar o desejo de viver vidas mais puras ou limpas (5:8). Ser manso de espírito (5:5) nos faz buscar as coisas que conduzem à paz (5:9). Quando verdadeiramente temos “fome e sede de justiça” (5:6), entendemos o preço que precisa ser pago para vivermos como seguidores de Jesus (5:10–12). Paulo escreveu que aqueles que “querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Timóteo 3:12).

D. Martyn Lloyd-Jones salientou quatro verdades importantes a respeito das Bem-Aventuranças<sup>34</sup>. 1) Elas são uma descrição de como todos os cristãos devem viver. 2) Elas têm por objetivo serem absorvidas por todos os cristãos. 3) Elas não são o que chamaríamos de tendência natural dos seres humanos; pois nos desafiam a fazer o oposto do que faríamos naturalmente. 4) Elas nos intimam a viver acima do mundo e de suas paixões e sermos verdadeiramente diferentes e distintos dos demais seres humanos à nossa volta.

Hoje, são muitos os cristãos e muitas as congregações da igreja do Senhor que desperdiçam tempo e dinheiro tentando se adaptar e se ajustar ao ambiente do mundo ao redor. Em vez de fazer isso, deveríamos nos esforçar para sermos destacadamente diferentes (veja Tiago 4:4; 1 João 2:15–17). Temos permitido que o mundo invada a igreja, e a igreja tem se tornado muito semelhante ao mundo. Jesus disse que os Seus discípulos, embora estejam no mundo, não são “do mundo” (João 17:15–17).

### A VIDA DE UM CRISTÃO (5:1–12)

Pode-se elaborar uma lição sobre as Bem-Aventuranças usando as seguintes paráfrases como pontos principais:

1. Reconheça que seus recursos são insuficientes.
2. Admita que seus pecados entristecem a Deus.
3. Submeta-se totalmente a Deus.
4. Deseje ardentemente o alimento espiritual.
5. Lembre-se de ser misericordioso.
6. Mantenha-se puro/limpo de coração.

<sup>34</sup>D. Martyn Lloyd-Jones, *Studies in the Sermon on the Mount*, vol. 1. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., s.d., pp. 32–39.

7. Decida ser um pacificador.
8. Alegre-se quando for perseguido.

#### OS QUE CHORAM SERÃO CONSOLIDADOS

(5:4)

Sempre que o peso de nossos pecados nos incomodar e for grande demais para ser levado por nós (veja Salmos 38:4; 51:3), devemos nos lembrar que Jesus pode levar esse peso para nós (Mateus 11:28–30). É grande o consolo espiritual que sentimos quando aceitamos a salvação que Jesus concede por meio da fé obediente. Jesus disse que “seremos consolados”. Paulo escreveu: “Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8:1). Através da fé, do arrependimento e do batismo, a pessoa recebe grande alívio e libertação quando reconhece que seus pecados foram lavados no sangue de Cristo. Podemos continuar a usufruir dessa grande bênção se andarmos na luz da Palavra de Cristo e continuarmos a confessar nossos pecados a Ele (1 João 1:7–10).

#### FOME E SEDE DE JUSTIÇA (5:6)

O termo “justiça” é usado neste contexto para descrever o dom que Deus por Sua graça concede aos salvos (2 Coríntios 5:21). Quando, com fé, obedecemos à ordem de Cristo para sermos batizados, Deus nos declara “justos” (Romanos 3:21–26; 6:3, 4, 17, 18). Deus faz duas coisas por nós com base em nossa aceitação do sacrifício de Cristo: Ele retira de nós a culpa pelos pecados perdoados, e “atribui justiça, independentemente de obras” (Romanos 4:5–9).

“Justiça” também se refere à observância dos mandamentos de Deus (5:10; 6:1; Lucas 1:6; 2 Timóteo 3:16; Hebreus 12:11). A marca de uma vida espiritual é o anseio por “justiça”. Se o cristão não tiver esse desejo espiritual, ele não conseguirá ser o que Deus quer que ele seja. “Se a bênção só viesse àqueles que já alcançaram a excelência, ninguém seria abençoado. Ela é concedida, sim, aos que, apesar dos erros e das falhas, ainda cultivam um amor compassivo pela excelência.”<sup>35</sup>

Se quisermos nos encher da Palavra de Deus, precisamos ter fome e sede dela como quando ficamos sem comida e água por um período mais extenso. Uma vez que o corpo se deteriora, mas a alma é eterna, saciar a fome espiritual é muito mais

importante do que encher o estômago.

#### VERDADEIROS PACIFICADORES (5:9)

Nem todas as pessoas que dizem querer paz realmente são pacificadoras. Muitos que alegam querer paz optam por guerra. Jesus estava falando sobre a participação ativa em promover a paz, e não em inanição passiva. Ele nos chama para sermos pacificadores, e não pacifistas.

Talvez, uma mensagem nunca tenha sido tão adequada para este mundo moderno do que esta bem-aventurança: “Bem-aventurados os pacificadores” (5:9). Por que há uma constante ameaça de guerra e toda esta infelicidade, tumulto e discórdia entre os homens? Segundo esta bem-aventurança, só há uma resposta para essa pergunta: pecado. A explicação para todos os nossos problemas é a ambição, a cobiça, o egoísmo e o egocentrismo do ser humano; essa é a causa de todos os problemas e discórdias, sejam entre indivíduos, grupos de uma mesma nação ou de nações rivais. Não podemos nem começar a entender o problema do mundo moderno, se não aceitarmos a doutrina do Novo Testamento referente ao homem e ao pecado.

O filho de Deus é chamado para seguir “as coisas da paz” (Romanos 14:19). Naquilo que for possível, os crentes devem ter paz “com todos os homens” (Romanos 12:18). “Paz” é um dos elementos do fruto produzido na vida de uma pessoa que é conduzida pelo Espírito (Gálatas 5:22). Paulo instou a igreja em Éfeso a “preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4:3).

A afirmação de Jesus também pode ser aplicada à paz interior e à paz com Deus. Isaías disse: “Para os perversos, todavia, não há paz” (Isaías 48:22). Não existe a possibilidade de termos paz interior sem que nossos pecados sejam perdoados e tenhamos paz com nosso Criador. Após obedecer ao evangelho, podemos ter “a paz de Deus, que excede todo o entendimento” quando levamos toda a nossa ansiedade a Deus em oração (Filipenses 4:6, 7).

#### AS FACES DA PERSEGUIÇÃO (5:10–12)

Paulo disse que “todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2 Timóteo 3:12; veja João 15:20; 1 Tessalonicenses 3:3, 4). Jesus mencionou em Mateus 5:10 e 11 vários tipos de perseguição que podem acontecer com os cristãos.

*Os cristãos podem ser perseguidos fisicamente. Muitos cristãos do primeiro século foram crucifi-*

<sup>35</sup>Pat Ott, “Attitudes from the Beatitudes,” *Christian Woman*. January/February 1986, p. 33.

cados, queimados em estacas, lançados em arenas romanas para serem comidos por animais selvagens para diversão de um público entediado, ou queimados vivos como tochas humanas para servir de luz nas arenas à noite<sup>36</sup>.

*Os cristãos podem ser “insultados”.* Se temos vidas corretas, seremos objeto de insultos e perseguição nas mãos dos que vivem conforme o mundo (João 15:18–20).

*Os cristãos podem ser alvo de mentiras sobre eles.* Em vez de falar abertamente, malfeitores geralmente sussurram nas costas dos cristãos. Por mais ofensivos que sejam os ataques públicos, pelo menos eles nos dão a oportunidade de nos defendermos. Quando os ataques são “punhaladas nas costas”, podem causar sérios danos a nossa reputação antes mesmo de o sabermos.

Como devemos reagir à perseguição? Jesus disse: “Regozijai-vos e exultai” (5:12). Ele não quis dizer precisamente “não preste atenção”. Ele ressalta o motivo da alegria: o fato de ser “grande o nosso galardão nos céus”. Nossa recompensa

<sup>36</sup>Veja William Byron Forbush, ed., *Fox’s Book of Martyrs*. Filadélfia: Universal Book and Bible House, 1926.

final será nosso lar eterno no céu, mas nem toda recompensa está reservada para o futuro (Marcos 10:29, 30). Temos vida abundante e toda sorte de bênçãos espirituais agora em Cristo (João 10:10; Efésios 1:3).

#### PERSEGUIÇÃO (5:10–12)

Às vezes, podemos sofrer por causa da nossa própria falta de bom senso, por insensatez ou precipitação. Alguns acreditam que estão sendo perseguidos por causa de suas crenças, quando só estão enfrentando as consequências terrenas de maus feitos (veja 1 Pedro 4:14–16). Essas pessoas agem como se fossem mártires. Esse tipo de comportamento de “vítima” pode atrair perseguição sobre alguns.

Devemos ter o cuidado de não agir, vestir ou falar de modo ofensivo. Se nos comportamos desse modo e ofendemos outros a ponto de nos rejeitarem ou de nos desprezarem, não estaremos sendo perseguidos, e sim sofrendo por causa do nosso comportamento impróprio. Esse não é o tipo de circunstância que Jesus mencionou como bênção e motivo de júbilo.

Autor: Sellers Crain

© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS